

A Mariposa Bege

Entrelaçando versos,
contos e singelezas

Ysrael Moura Garcia

A Mariposa Bege



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ – IFCE

Reitor

Jose Wally Mendonça Menezes

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Joélia Marques de Carvalho

Pró-Reitora de Ensino

Cristiane Borges Braga

Pró-Reitora de Extensão

Ana Claudia Uchôa Araújo

Pró-Reitor de Administração e Planejamento

Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Marcel Ribeiro Mendonça

EDITORA IFCE

Editor Executivo

Tiago Estevam Gonçalves

CONSELHEIROS NATOS

Ana Cláudia Uchoa Araújo

Cristiane Borges Braga

Joélia Marques de Carvalho

Sara Maria Peres de Moraes

Tiago Estevam Gonçalves

CONSELHEIROS TITULARES

Alisandra Cavalcante Fernandes de Almeida

David Moreno Montenegro

Paula Patricia Barbosa Ventura

Josefranci Moraes de Farias Fonteles

Marcilio Costa Teixeira

Marieta Maria Martins Lauer

Barbara Suellen Ferreira Rodrigues

Sebastiao Junior Teixeira Vasconcelos

Nadia Ferreira de Andrade Esmeraldo

Auzuir Ripardo de Alexandria

Francisco Jose Alves de Aquino

Sandro Cesar Silveira Juca

Antonio Cavalcante de Almeida

Beatriz Helena Peixoto Brandao

Joao Eudes Portela de Sousa

Juliana Zani de Almeida

Glauber Carvalho Nobre

Rommulo Celly Lima Siqueira

Harine Matos Maciel

Maria Do Socorro de Assis Braun

Sarah Mesquita Lima

Jose Eranildo Teles do Nascimento

Igor De Moraes Paim

Nara Lidia Mendes Alencar

Meire Celedonio da Silva

Marilene Barbosa Pinheiro

Wendel Alves de Medeiros

A Mariposa Bege

Entrelaçando versos,
contos e singelezas

Ysrael Moura Garcia

A Mariposa Bege

Fortaleza - CE, 2025

A Mariposa Bege: entrelaçando versos, contos e singelezas. Autor: Ysrael Moura Garcia.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI Editora IFCE – EDIFCE

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

EDITORA IFCE

Editor Executivo

Tiago Estevam Gonçalves

Editora Adjunta e Normalização

Sara Maria Peres de Moraes

Revisão

Marilene Barbosa Pinheiro

Projeto Gráfico e Diagramação

Phabrica de Produções:

Alecsander Coelho, Daniela Bissiguini, Érsio Ribeiro, Kauê Rodrigues,
Paulo Ciola, Rebeca Tonello e Thiago Cordeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Editora IFCE - EDIFCE

G216m Garcia, Ysrael Moura.

A Mariposa bege: entrelaçando versos, contos e singelezas. / Ysrael Moura Garcia. --.
Fortaleza: EDIFCE, 2025.

42 p. il. (Coleção Vozes)

E-book no formato PDF 2.030 KB

ISBN: 978-65-84792-51-7 (e-book)

ISBN: 978-65-84792-50-0 (impresso)

DOI: 10.21439/EDIFCE.81

1. Poesia. 2. Contos. 3. Poemas. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. II. EDIFCE. III. Título.

CDD 869

Bibliotecária responsável: Sara Maria Peres de Moraes CRB N° 3/901



Contato

Rua Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426. Fone: (85)34012263 /
E-mail: edifce@ifce.edu.br / Site: editora.ifce.edu.br.

Dedico este livro às amizades em
prosa e aos amores em verso.



Prefácio

Tudo começou em um encontro para nos conhecermos pessoalmente no Mercado do Café, no bairro Benfica, em Fortaleza. Na ocasião, entreguei-lhe o livro de minha autoria, *Universo de Sinharinha – Castelos na Areia: Para Saber Ganhar na Ausência*. Em poucas palavras trocadas, descobrimos que a escrita livre nos conectava e que a sensibilidade tinha lugar em nossas vidas.

Com muito entusiasmo e prazer, apresento a você, leitor, a primeira obra literária de Ysrael Garcia, homem de alma musical e coração poético.

Nesta obra, encontramos um pai presente e amoroso, um par romântico capaz de perceber o brilho e a feminilidade de uma mulher, como também um homem de fé que descreve com fascínio os feitos de seu Redentor.

Após um período pandêmico de silêncio, Ysrael, tendo assimilado dores da caminhada, permitiu-se fluir nas melhores expressões de gratidão e leveza, vivência retratada em sua escrita sobre o cotidiano, em que simples cenários foram capazes de trazer belas inspirações.

Por me encontrar entrelaçada em alguns versos, encanto-me como no canto da sereia e celebro tamanha criatividade! Convido o leitor a voar como uma mariposa livre por entre as páginas deste livro que contempla novos olhares sobre as singelezas que nos cercam.

Sinhara Garcia

Autora de *Universo de Sinharinha – Castelos na Areia: Para Saber Ganhar na Ausência*, e *Somos Mais que Seis*.

Sumário

1. As cores do ocaso: harmonia com a natureza	8
A Mariposa bebe	8
O propósito e a escalada	8
Bolhas	8
Uma singela teologia	9
Pitada de sol	10
Chuva de verão	10
Versos	10
Faz de conta	10
2. Canções da alma: inspirações românticas e fraternas	11
O nome da luz	11
Baila, baila	11
Bela florzinha	11
Uma folha em branco	12
Pés dançantes na relva	13
Charmosa dádiva	13
Visão na praia	14
A brincadeira de Lalá	14
O canto da sereia	14
Lições da passarela	15
À sombra da sete copas	16
Terno instante	16
Estrelas que sorriem	16
Mãe nossa de cada dia	17
Dama	17

Cadeira vazia _____	18
Matemática afetiva _____	18
Um delicado presente de Deus _____	19
Sorrir sem tigo _____	20
Flor amarela _____	20
O voo que parou o tempo _____	20
3. Tempo e sabedoria: fronteiras do existir _____	26
A bela fase _____	21
Hidrante e lágrimas _____	22
Reencontro _____	23
A terapia _____	23
Quanto tempo dura o momento _____	24
O executivo capturado _____	25
Tanta vaidade _____	26
Fast-food ou artesanal _____	26
O vento não para _____	27
Admirável leveza _____	28
Pela fresta da janela _____	29
O discurso _____	30
Espelho d'alma _____	32
O médico e o monstro _____	32
Dívida com a vida _____	33
4. Jornada espiritual e cotidiano _____	34
Por trás das cortinas _____	34
Entre a cruz e a chama _____	34
Entrando na intimidade do Rei _____	35
Entre a ordem e o caos _____	36
As lentes do reino _____	36
Chamado redentor _____	36
Asas amenas _____	37
Alma musical _____	37
Referências _____	38

1

As cores do ocaso: **harmonia com a natureza**

A Mariposa bege

Perguntou a si mesma
A bela mariposa bege:

“Como transformar o dia
Do distraído andante,

Que passa aqui perto,
Semblante pensante?

Beijarei as verdes folhas
Da mangueira urbana.

Abrirei vaidosa
Minhas asas exuberantes,

Protagonizando em meu recanto
Detalhes de um sutil evento,

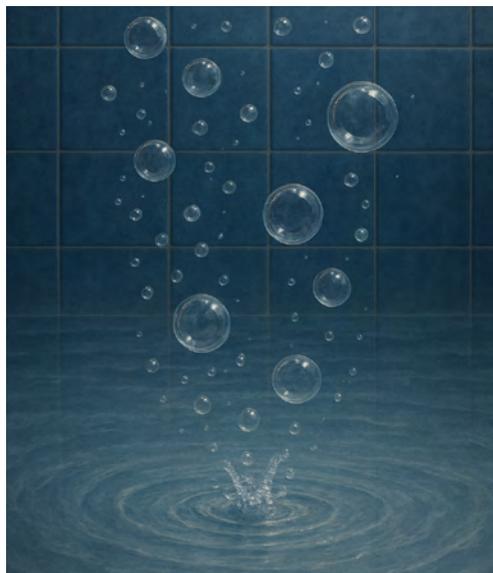
Deixando-me bailar
Pelo natural balançar
Dos galhos ao vento.”

O propósito e a escalada

O condor plana
Por lugar elevado,
Observando o montanhista,
Em cada pino, na rocha encravado.

A força da grande ave,
Que voa elegante,
Inspira a subida
Do alpinista ofegante.

Pra vencer a montanha
Suspenso em cordas,
Que lhe servem como asas,
O homem não perde o cume de vista.
Pleno, prossegue a escalada.



Bolhas

Bolhas, muitas,
Leves, sobem.
Bolhas, várias,
Descendo, dissolvem.

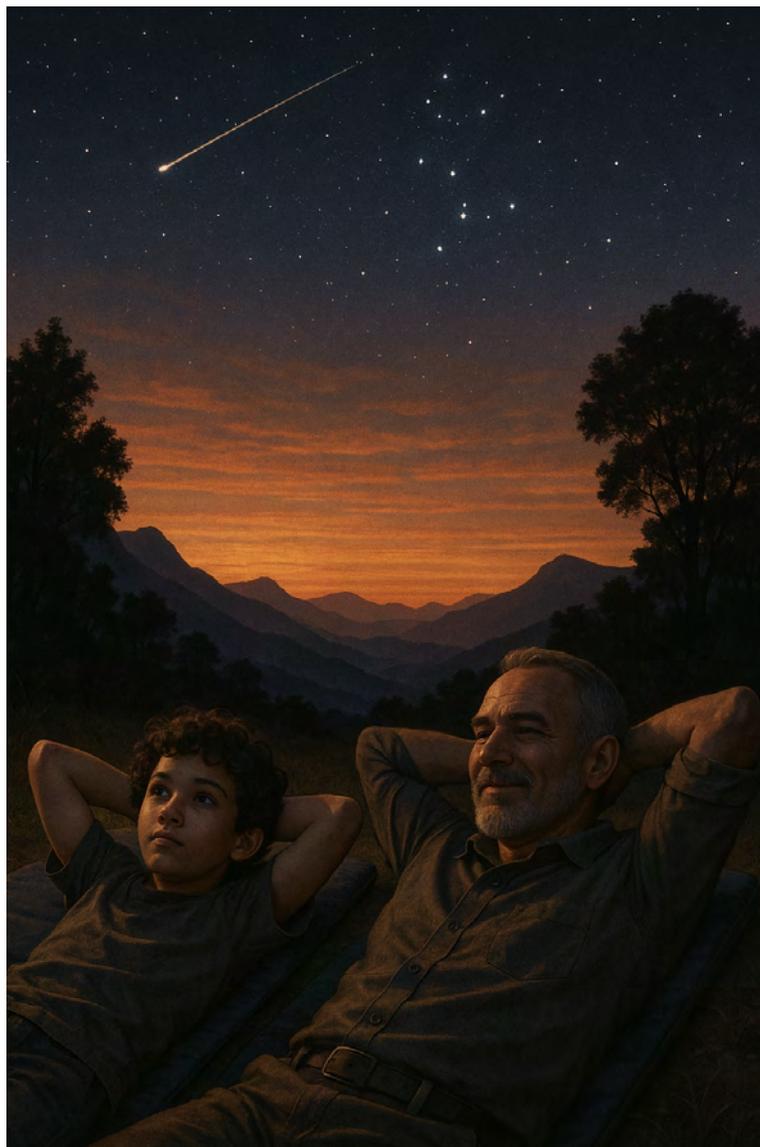
Azulados azulejos,
De tão azuis,
Translucidam a água calma.

Cristalinas bolhas que caem,
Molhando meu rosto frio,
Refrescando minha aquecida alma!

Uma singela teologia

O tom alaranjado do céu. Era o crepúsculo, horário preferido de Francis. Adorava as cores da transição entre dia e noite. Contemplar a estrela solitária mergulhando no horizonte e uma outra infinidade emergindo era seu jeito de admirar o balé da natureza. Daí ter se mudado da capital para a serra da Ibiapaba. A altitude o deixava mais perto do céu estrelado. Tinha orgulho de que seu filho menor, Galileu, tivesse puxado ao pai: observador, perguntador. Que o digam as professorinhas do menino, interrompidas durante as aulas, aqui e acolá, pelos “porquês” e “pra quês” do pequeno curioso. Contava Francis, envaidecido e exagerado, que Galileu mal começara a balbuciar “papai” e “mamãe”, quando já apontava o dedo para as coisas que o cercavam e ensaiava sua tenra filosofia: “Que é isso?”. E, de contínuo, era seu espanto, ainda que diante do banal: os amigos brincando de bola na rua; a conversa noturna entre vizinhos sentados à beira da calçada; o planar elegante e síncrono de um bando de aves... Um deslumbramento atrás do outro diante da realidade que o cercava, à medida que crescia em estatura e entendimento. Mesmo o detalhe mais simples custava caro escapar-lhe. Quando viajava com o pai para o litoral de Camocim adorava soprar das mãos a leve espuma branca que o mar deixava na areia da praia. Tal pai estudioso, tal filho contemplativo!

Noite dessas, pai e filho saíram a observar as estrelas como de costume. Colchonetes ao chão, na mata, braços apoiando a cabeça, olhos aos céus, tempo pra pensar em nada... a não ser no infinito. E, entre um risco ou outro de meteoritos rasgando a atmosfera, Francis pôs-se a falar ao filho sobre as maravilhas do universo: quasares, anãs brancas, buracos negros, supernovas, o vazio intergaláctico...



E com o pai ainda explanando, acelerado e enciclopédico, Galileu, deitado, irrompeu em especulação surpreendente: “Já que é tão grande lá em cima, imagina o tamanho de quem criou tudo isso, né, pai?”. De súbito, a tese sutil do filho refreou o academicismo empolgado do pai. Fez-lhe esquecer a tessitura do espaço-tempo e a matemática da gravitação por um instante. As velocidades macrocósmicas tornaram-se secundárias. Diminuíram-lhe as resistências metódicas diante da constatação do espírito. De repente, olhar para a imensidão acima tornou-se menos complexo, mais leve, mais poético... de uma inspiração que os laboratórios não poderiam explicar. A mente cartesiana do pai ponderou profundamente, por fim, a singela teologia do filho.

Pitada de sol

Um pouco de sol
À sombra de coqueiral.

Pra temperar a pescada,
Uma pitada de sal.

Brisa em abundância
Vinda de azul lugar,

Onde não se sabe ao certo
Em que altitude começa o céu,
Em que linha termina o mar

Chuva de verão

Olhem
O pingo d'água
Que caiu
Na jabuticabeira!
A pequena bolha
Sem cor,
Deslizando lenta
Na folha verde.

Vejam!
A primeira gota
Da chuva temporã,
Trazendo ventos frios.

Rega o chão,
Refresca meu rosto
Até que venha
O sol de verão.

Versos

Versos,
Intrépidos versos,
Compulsivos versos meus.

Habitam essa paisagem selvagem
Chamada eu.

Corredeiras impetuosas,
Ávidas por desaguarem em papel,
Queda d'água abaixo.
Poético véu... seu apogeu!

Faz de conta

Faz de conta que estou longe...
... daqui.
Faz de conta que estou perto...
... das estrelas.

Desvendando mistérios.
Suspenso no ar. Viagem.

Montado em raio de luz.
Imaginação infantil. Miragem.

Gás, cores e poeira galáctica.
Fantasia da mente,
Contaminando todo o corpo.
Psicossomática.

Espalhando-se como alergia
Por medulas e dentes,
Não contendo o sorriso
De brilho patente!

2

Canções da alma: **inspirações românticas e fraternas**

O nome da luz

Há uma luz entre nós.
Tem nome, forma e cor.

Há uma luz entre nós.
Faz-me sorrir orgulhoso
Da conquista,

Do esforço valoroso.

Há uma luz entre nós.
Ilumina com persistência
O fato da existência.

Há uma luz entre nós.
Tem nome, forma e cor.
Quem não percebe
Que se chama amor?

Baila, baila

Baila, baila, bailarina.
Executa teu delicado *plié*,
Seguido de perfeito *elevé*.

Pequenos saltos para lá.
Passos ao som de nota Ré,
Flutuando em belo Fá.

Sapatilhas de ponta
Em leve movimento
De pleno rodopiar.

Gira, gira, bailarina.
Alegra quem te vê.
Faz tua plateia se encantar!

Bela florzinha

Florzinha linda.
Pequeninha.
Desde botão
Acalentei.

Meiga florzinha
Do meu jardim
Ensolarado.

Cada pétala
Recebeu
Amável amparo.

E tendo-a regado,
Cresceu
A bela florzinha
Em terno cuidado!



Uma folha em branco

Uma folha em branco era tudo o que a jovem poetisa cearense precisava naquele momento. Diante daquele objeto, sentia como se tivesse um universo de possibilidades à sua frente. No início, a criatividade lhe resistia. Não sabia por onde começar, com a indecisão de quem manuseia um telescópio diante de um céu noturno, limpo e estrelado, e não sabe bem qual belo astro focar primeiro.

Uma folha em branco em cima da mesa de vidro transparente e nada mais. Nenhum outro objeto por perto. Ambiente enxuto. A luz amarela da luminária do teto, refletindo na folha em branco. Lápis comum, firmemente seguro em sua destra. “Lápis? Você disse ‘lápis’? Que antiquado em plena era digital!”, você pode estar se indagando. Por pouco crível que possa parecer, era isso mesmo, um lápis. No auge de seus 18 invernos nordestinos, era esse seu instrumento favorito, adepta que era da simplicidade, da textura do cilindro de madeira e da maciez do atrito do grafite no papel. Por mais que seus colegas de geração evocassem em uníssono o editor de textos, que, de forma prática, corrige os erros com simples cliques na tecla “DEL”, ela resistia com uma convicção

rara para sua idade. O que importava de fato era travar seu confronto particular: vencer o vazio do papel com a plenitude de suas emoções. Quem levaria a melhor neste confronto? Tinha a seu favor a inspiração vinda dos verdes mares da terra de Alencar.

Rompido o primeiro verso, nada mais importava para ela. Todo o resto ao redor sumia. Sua vitória sobre o papel começava a ganhar forma. Os olhos, seguindo o movimento horizontal do punho, empolgavam-se com a cursividade que se sucedia, com o charme peculiar da caligrafia feminina. As rimas lhe entusiasmavam os lábios, que se faziam sorrir discretamente. Verdadeiro fluxo de consciência. Êxtase literário. Semelhante à sensação de saborear a taça de um bom vinho gelado, acompanhado de um pedaço de chocolate amargo.

E, ao finalizar a última estrofe, um suave sopro no farelo de borracha restante na superfície, como um escultor satisfeito que tira os excessos de poeira da obra acabada. A poesia estava pronta e a alma realizada. Por breve momento, uma leve suspensão. Epensar que ela só precisou se derramar sobre uma simples folha de papel em branco e nada mais!



Pés dançantes na relva

Vejam, filhos,
A vastidão
Dos campos abertos!.

Venham, em marcha saltitante,
Pôneis livres
De crinas esvoaçantes,

Pois muito me alegre
Vê-los correr pra mim descalços,
Em macia grama, pés dançantes.

Percebam o caminho,
Pois muito se fala
Do perfume de orvalho
Que a relva da manhã exala.

Os pássaros já cadenciam ritmos ao
redor.
Violinos de timbre estridente
Desabrocham florido alvorecer
Em tom maior.

Venham, amados!
Venham ligeiro, dádivas de Deus.
Que esperam por vocês, apressados,
Os abertos braços meus!

Charmosa dádiva

Dizem que os olhos
São como janelas.
Mimosas formas
De vistosas capelas.

Diversas cores,
Luminosas velas.

Alguns, de tão azuis,
Mimetizam túneis
Que dão acesso ao céu.

Outros,
Acastanhados e doces,
Lembram puro mel.

Mesmo diante
De bela
E colorida paleta,

Não posso negar preferência
Pelas janelas
Que dão vista ao mar.

Como os verdes olhos teus.
Charmosa dádiva
Feita pra admirar!

Visão na praia

Cedo fui caminhar na praia.
Relaxar os pés em espuma fria.
Deixar a brisa matinal levar
Suposta ansiedade que me encobria.

E, como em miragem, tu estavas lá,
Sentada na areia, olhos como âncoras,
Lançados em profundo mar.

Deveria eu me achegar?
Ou apenas continuar
Admirando platônico, sempre,
Teu sorriso celeste e face reluzente?

Quem sabe, de perto ouvir-te falar
Sobre cair e levantar;
Aprender em tuas suaves asas
A pousar e a voar.

Ler juntos teu diário manuscrito
Sobre liberdade sóbria,
Ou, talvez, amor reescrito.

Ou, tão somente, aconchegar-me
Ao teu lado
Em silêncio bendito.

Mas, por enquanto,
Podado de tal atrevimento,
Contento-me em vislumbrar-te de
longe.

Pois, se me aproximo, constranjo-me,
Sem saber ao certo se és humana
Ou se, de fato, visão de um anjo!

A brincadeira de Lalá

Lalá quer brincar.
Diante do espelho,
Põe-se a olhar.

Mãos delicadas movem-se
De lá para cá.
Creme aqui, desembaraça ali,
Penteia suave acolá.

A escova passeia
Pelos mimosos cabelos.
Coraçãozinho grato
Pela dádiva de tê-los.

A palma da mão
Faz retoque dali.
Dedos deslizam, engrenados,
Entre os fios de cá.

Alisamento perfeito.
É o novo jeito
De Lalá brincar!

O canto da sereia

Existe meiga sereia
Cuja voz soprana
Encanta pelo canto.

Tão bons contos conta
E afinada canção canta,
Que, em sua companhia,
Quem não se encanta?

Belíssima sereia,
Que de sua ilha vulcânica
Seduz-me mais pra perto.
Canta sorrindo
Em pleno mar aberto.

Sua melodia mágica
De novo eu ouviria,
Sem temer me afogar
Num oceano de alegria!

Lições da passarela

A menina entrou cabisbaixa na sala de estar. Sentou-se no sofá, encaixando-se entre o avô e a avó, que assistiam confortavelmente a um filme na Netflix. Deitou a cabeça no ombro do velho, como quem busca chamego nas horas difíceis. “Míriam, o que houve?” — perguntou vovô Tadeu, preocupado.

Mal lhe saiu dos lábios trêmulos a primeira sílaba, a menina, de tenros 9 aninhos, irrompeu num choro soluçante. Mantinha fixamente as duas mãos sobre o joelho, como que protegendo-o. Vovó Lóide, em sua doce experiência, verificou discretamente o ferimento: um leve ralado.

A senhora dirigiu-se à cozinha, vasculhou a farmacinha, cuidadosamente guardada no canto do armário. Voltou com um copo de água fresca em uma das mãos e um vidrinho vermelho de Merthiolate na outra. Enquanto a avó tratava o ferimento, o avô perguntou carinhosamente:

“O que houve querida?”.

A menina, que ainda novinha tinha perdido os pais em um acidente, via no avô o reflexo da figura paterna. Para aquele senhor de sete décadas, cuidar da netinha era como o efeito dos raios de sol no rosto, bem no início da manhã: revigorante, rejuvenescedor!

“Eu levei uma queda na rua, brincando de pega-pega” — Míriam explicou. “Aí os meninos começaram a manganar e a rir de mim” — concluiu em meio a lágrimas infantis.

Vovô Tadeu, tomado pela lucidez que as rugas lhe concederam, enxergou a dor no coração da menina, maior que o ferimento físico. A dor de alguém que fracassa e tão cedo torna-se alvo dos “tomates” impiedosos da sociedade.

“Tenha calma, meu docinho. Não desanime. Você é muito amada. E isso é o que importa! — ele tentava consolá-la. “Você ainda tem o sonho de ser modelo?” — indagou o avô.

Sem entender muito bem o nexos da pergunta, mas refreando o choro aos poucos, a menina respondeu:

“Sim, sim, vovô. É meu sonho. Quero desfilanar bem bonito, pra todo mundo me aplaudir!”.

“Tenho certeza que será lindo, meu bem! Persiga seus sonhos. Mas sabia que quando se desfila nem sempre as coisas acontecem como gostaríamos? O salto da modelo pode quebrar, por exemplo.”

Míriam tentava entender a sabedoria do enigma. Então o avô disparou:

“E a vida é semelhante a uma passarela de desfile de moda”.

Concentrada, a menina ansiava pelo desfecho.

“Se algum dia, por acaso, o seu salto quebrar, procure manter a calma. Ignore a zombaria ao redor. Retire as sandálias, levante sua cabeça e, mesmo descalça, simplesmente continue a desfilanar!”

À sombra da sete copas

Viu o pai que o dia
Era de céu limpo e iluminado.

Propôs viagem ao filho.
Odisseia pelo espaço sideral.
Propulsão super rápida no vácuo.
Visão sem igual.

Vermelhidão rochosa:
Marciana.
Cinturão de asteroides:
Reféns de Júpiter.

Bambolês dançantes
Circundando Saturno.
Azul brilhante:
Gás de Netuno.
Extasiante!

Mas se o coração de menino apertar,
Evocar lembrança da brisa.
Doces águas de Iracema.

Bica refrescante,
Calor de Fortaleza.
Lambuzar-se de melancia,
Açaí gelado, por gentileza.

Quebrar inércia da bola.
Golaço!
Bendita gravidade.

Enviar flores a quem se ama.
Ouvir historinha divertida
Deitado na cama.

Regressariam, então,
À Terra, ao lar,
Onde saudade
É vontade de abraçar.

Em jardim de tulhas,
À sombra da sete copas,
Mesa posta.

Oito velinhas.
Bolo cheio de cor,
Inscrito ao centro:
Parabéns, meu filho Heitor!

Terno instante

Poesia é feita
Com a tinta
E a pena
De um destro poeta.

Guardada no papel,
Refúgio seguro
De sinceras rimas.

Mas versos inspirados
Também podem ser
Escritos com luz.

Declamados na imagem
De um aconchegante
Abraço teu.

Fazendo eterno
Um terno instante!

Estrelas que sorriem

Estrelas distantes
Nos encantam
Porque brilham.

As cadentes,
Porque fracionam-se
No ar.

E as que estão ao nosso lado,
Simplesmente...
Porque sorriem!

Mãe nossa de cada dia

Mãe dele.
Manhã cedo: café cheiroso
À tardinha: bolo ao forno.
Mãe dela.
Pão quentinho,
Manteiga e mortadela.

Saída da escola.
Multidão, rostos estranhos.
Mãe conhecida.
Espera-me ao portão
Enternecida.

Mãe tua.
Sente contigo.
Mãe minha.
Conselho, alcance além...
Telepatia.

Mãe vossa.
Descalça à beira-mar.
Mãe sua.
Cabelos ao vento,
Brilho da lua.

Mãe nossa de cada dia.
Sempre lembrada.
Memória aquecida,
Nunca apagada.

Dama

Uma dama se forma
Em jardim suspenso,
Entre flores
De perfume intenso.

Encanta-nos ao dançar
A bela canção,
Dedilhada suave.
Som de violão.

Não se isola em palácio.
Conversa com toda gente,
Caminha por toda parte.
Reconhecê-la exige pouco,
Pois sorri com toda classe.

Uma dama se forma no azul do mar,
Como uma concha,
Soldando com elegância
Grãos de areia da dor.
Deixa pérolas
Por onde andou.

O olho míope só vê dela
A beleza de marfim.
Não é capaz de também ver
A formosura do coração, enfim!

Cadeira Vazia

Querendo dar-te notícia
De que tudo por aqui vai bem,
Vi-me incomodado.

Não, não consegui fugir.
A saudade evoca

lembrança insistente.

Traz à tona tua imagem.
Preenche minha mente.
O que faço agora,
Se parte de mim está ausente?

Não,
Reitero, não!
Nem tudo está bem,

Quando sentindo
Tua falta em demasia,
Ao meu lado
Me nega um abraço
A cruel cadeira vazia!



Matemática afetiva

Um sorriso.
Um sorriso teu, apenas,

Adicionado ao mais
Reconfortante abraço.

Terno laço.
Maior que a soma
Das fracionadas partes.

São os elementos de que preciso
Para encontrar o X
Da fraternal equação,

Pois em matemática afetiva
A incógnita é calculada
Pela lógica do coração!

Um delicado presente de Deus

Já fazia dois anos que Gabriel não via a filha pessoalmente, embora se falassem todos os dias por aplicativo de mensagem e por telefone aos finais de semana. O dia do aniversário de sua princesa era especial e gerava inspiração suficiente para arriscar versos de homenagem a distância.

Sofia, que completava 23 anos, há muito havia abandonado os traços infantis, mas, para o coração do velho pai, ela continuava sendo sua *dad little girl*. No dia 11 de agosto, por volta do meio-dia, ela abrigou-se embaixo do magnífico Arco do Triunfo, a fim de se proteger de uma tempestade inesperada em Paris, onde cursava arquitetura, na Sorbone. O tempo tinha enlouquecido naquele dia, mas, por sorte, seguindo o conselho preventivo do pai, a jovem trazia consigo um casaco. Seus lábios tremiam e o nariz avermelhava-se com o vento frio. A multidão avolumava-se aos poucos no local. Os mais diversos idiomas confundiam-se em um só lugar.

O celular dela vibrou enquanto aguardava o céu abrir. Era uma mensagem do pai com palavras que enterneceram seus olhos e aqueceram o coração: “Filha, hoje você comemora mais um ano de vida. No início da manhã de hoje, como de costume, abri a janelinha da cozinha para sentir a suavidade da primeira brisa vinda da lagoa de Messejana. Fui surpreendido com uma bela imagem; algo que eu e você adoramos contemplar, sentir o perfume e a maciez; algo que você sempre pede pra eu comprar quando vamos ao supermercado juntos. Sem mais suspense, vi que brotou uma rosa com lindas pétalas vermelhas no jardim do nosso quintal. Prenúncio de um dia abençoado ou apenas coincidência (sic) biológica da flora?”

Naquele momento, Sofia sequer notara que o sol conseguira romper o véu de nuvens sobre a Cidade Luz e que o amontoado de pessoas ao seu redor começara a se dispersar, buscando seus ilustres destinos: a torre e a Champs-Élysées. Sua mente estava rendida à saudade e ali permaneceu, sorrindo diante de uma tela, atenta às últimas linhas de seu poeta favorito: “Prefiro acreditar, minha filha, que de fato este é um dia especial. O dia em que você veio ao mundo e realizou um sonho meu. Sonho que comemorei há 23 anos e que, por providência da vida, me deu o privilégio de ser seu pai. E quanto à delicada rosa vermelha que brotou no jardim? Para os mais céticos talvez não passe de um processo natural; para outros, um simples capricho do calendário das estações. Mas, para mim, que vejo você como alguém tão agradada, trata-se simplesmente da maneira visível de Deus lhe presentear do jeito que as mulheres adoram: enviando flores! Feliz aniversário, meu amor”.

Sorrir sem tigo

Sorrir é bom,
Contigo é melhor.
Todavia, sem tigo,
Ora, vejam só,
Soa castigo.

Contigo surpreende
Mas sem tigo vira lugar comum.
Quem isso compreende?

Contigo é nascente cristalina,
Que refresca.
Porém, sem tigo é lago turvo,
Sem pesca.

Contigo, repito, é melhor!
Porque sorrir sem tigo
É como inventar palavras,
Procurando nelas
Ver algum sentido!

Flor amarela

Pelo caminho notei a flor,
a flor que Drummond¹ não notou
Porque apenas para a pedra olhou!

Eu vi essa flor.
Estava lá.
Pétalas de leveza carioca.
Resiliência nordestina.

Solitária.
Protegida por espinhos controversos,
À espera de o poeta
Retratá-la em finos versos.

Olhei, admirado, essa flor.
Com o passar do dia
Mudava de cor.

A alvorada a azulava.
Com o sol a pino, avermelhava.
O crepúsculo, enfim,
Deixava-a mais bela.
Delicada flor... amarela!



O voo que parou o tempo

Se eu tivesse asas,
Por entre nuvens voaria.
Entrelaçando meus dedos
Aos da tua companhia.

Voariamos alto,
Sobre planície gramada,
E montanhoso planalto.

E em tal voo
Caberia, decerto, ao vento,
Acariciar teu rosto macio.
Esvoaçar, libertas,
Tuas castanhas mechas.

E como um par de pássaros,
Seguiríamos pairando pelos ares,
Ao doce sabor
Deste perene momento.

Porque planar segurando tua mão
Tem efeito de parar, deveras,
O próprio tempo!

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. **No meio do caminho.** Alguma poesia, Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930, p. 15.

3

Tempo e sabedoria: **fronteiras do existir**

A bela fase

Há fases na vida.
Tem vida
Em cada fase.

Tem a fase da tristeza,
Que parece durar
Uma eternidade.

Pra essa eu desejo paciência,
Um toque
De serenidade.

Tem a fase da alegria,
Que parece durar
Uma fração.

Pra essa eu desejo intensidade,
Sem confundir com euforia.
Que seja sólida de verdade.

E tem a melhor fase,
Que por sábia,
Aprende com as anteriores.

Vivê-la vale a pena,
Tenho certeza,
Pois traz consigo luz:
A bela fase
Da leveza!

Hidratante e lágrimas

Madalena chegou às quinze horas em ponto. O jeito de andar, o modelo do vestido e o corte de cabelo assinalavam uma dama elegante, de postura impecável para quem a observava de fora. Mas os óculos escuros apenas escondiam as olheiras de uma longa noite em claro. A expectativa do encontro porvir não lhe deu descanso. Na mão direita, uma versão compacta em francês de *Os Miseráveis*, lembrança dos estudos fora do país; páginas que, de tão sublinhadas e dobradas, denunciavam uma meditação constante na obra de Victor Hugo.

O horário de visitas no hospital era até às dezesseis. Maria, a irmã caçula, já a aguardava na sala de espera. Cumprimentaram-se friamente. “Siga por ali. À direita é o corredor que dá acesso à UTI. É o quarto número 7. Não posso acompanhá-la. Só permitem entrar um visitante por vez.” - orientou Maria.

Ao adentrar o quarto, o cheiro de éter e medicamentos invadiram-lhe as narinas. O *bip* do monitor de frequência cardíaca martelava aos ouvidos. Viu o pai em leito, inerte, furos nos braços, enclausurado entre tubos e eletrodos. Madalena caiu em si. A angústia apoderou-se de seus pensamentos. Dispunha de uma hora para tentar balancear o passivo emocional de anos. “Ele pode me ouvir?”, - perguntou ao médico que o assistia. “É pouco provável.”, respondeu ele. Diante da resposta fria, ela se manteve cabisbaixa por um tempo. Visitaram-lhe memórias doces da infância em Limoeiro do Norte. Rememorou a companhia de seu herói no barco, durante a pesca no rio Jaguaribe. Saudosas chuvas de verão. Atreveu-se a pôr sua mão sobre a dele. Há muito não sentia a pele do pai, desde que saiu brigada de casa. E, como se escamas de gelo derretessem em seu coração, desejou ardentemente ter mais uma chance de olhar em seus olhos. Ah, se ele pudesse ouvi-la uma vez mais, contaria das duas lindas netas, e da renomada gastrônoma regional que se tornara. Usaria as técnicas que aprendeu no exterior para preparar-lhe pela última vez seu prato predileto: pirão de caldo de peixe com cuscuz, feito no fogão à lenha e em panela de barro. Seria como recitar-lhe poesia sem palavras, mas com ingredientes. Quem dera pudesse ao menos demonstrar-lhe um último carinho!

Olhou para os pés já calejados do velho pescador. Notou as unhas por fazer e a pele ressecada do sol nordestino. E, deixando cair ao chão seu livro, tomou nas mãos uma porção do hidratante que trazia na bolsa. Massageou os pés do pai de forma reverente. Enquanto o fazia, fechou os olhos em contrição. As lágrimas caíam em abundância, juntando-se ao creme numa mistura homogênea, com a qual azeitara o velho pai, numa homenagem manual de afeto.

Mesmo sem entender o contexto, a cena chamou a atenção do entorno de enfermeiras e internos, que se compungiram com ela sem explicação. O que se passava ali, afinal? Se Jean Valjean pudesse sair das páginas da literatura, talvez explicasse melhor o sentimento envolvido. Ele rejeitaria a ideia de mera gentileza fraternal ou até mesmo tentativa de aliviar a dor de um agonizante. Negaria também tratar-se de simbólica luta contra a culpa do inspetor Javert. Em vez disso, diria com bom ânimo que foi a forma encontrada pela mulher, por absurda que parecesse, de demonstrar um profundo pedido de perdão, em silêncio.

Reencontro

Eu a vi novamente.
 Desta vez no bordo dianteiro da embarcação.
 Com olhar sereno,
 Ela apontava o dedo para o timão.

Que reencontro!
 Mesmo navegando juntos
 Por estreitos e mares abertos,

Durante tanto tempo,
 Como não pude perceber na proa
 Seus cabelos ao vento?

Precisei enxergá-la por outro ângulo
 Pra reconhecer que ela, a vida,
 Sempre esteve lá,

Aguardando paciente
 Eu içar as velas
 De um novo olhar.

A terapia

Estacionou o carro em frente à clínica. Rua deserta. Bairro nobre de Fortaleza. Abriu a porta para o filho de 10 anos. Pra que a consulta? Nada de anormal com a criança. Apenas precaução de mãe moderna de classe média: garantir o equilíbrio emocional e cognitivo do futuro herdeiro.

De repente, aquele vulto franzino, despenteado e maltrapilho, aproximou-se devagar. Pediu licença. Movimentos cautelosos pra minimizar o medo em seu interlocutor. Era uma senhora de meia-idade, dentes por cuidar, que a abordou. “Olhe, moça, desculpe lhe incomodar. Ninguém me deu atenção até agora. Não quero dinheiro, apenas que me compre uma lata de leite pra minha netinha.” Aos poucos foi abrindo as páginas de sua tensa biografia. Seis filhos. Cinco entregues pra adoção. “É pra eles não passá fome!”, - tentava justificar o ato desesperado. Com que dor relatava isso! Com as mãos apoiadas no ombro do filho, a mulher ouvia estática, trêmula, olhar arregalado, remoendo interiormente a situação. “Devo confiar? Mantenho distância? Teria mais alguém espreitando?”, questionava-se, olhando para os lados. Paranoia de cidade violenta: a própria sombra vira suspeita.

De súbito, lembrou-se de um parâmetro salomônico de julgamento: “Os olhos são as janelas da alma”. Fitou-a firmemente, como um detector de mentiras por wi-fi. Notou que a tensão do olhar atingiu o ápice quando a senhora narrou a rejeição que sofria de uma das filhas entregues. “Você não é minha mãe. Nunca vou te perdoar!”, - frases que latejavam em sua mente e amargavam em seu coração. Como explicar a boa intenção que teve à época? Era em vão. Quem é ferido sempre lembra mais do que quem fere. Pedir ajuda à mãe adotiva? Sem apoio. Concluiu o drama descrevendo a tragédia da filha que lhe restava: mãe aos quinze, vítima de abuso aos treze. “Não pode ser invenção”, - tentava se convencer a mulher. Meio desconcertada, sentindo-se impotente, ameaçava aproximação. Impossível manter-se indiferente. Estendeu a mão direita com uma cédula. Mero apoio material. Com a esquerda, ofereceu um meio abraço desconcertado. Tentativa de afago na alma ferida. Ainda que constrangida, balbuciava palavras de ânimo aos ouvidos da senhora.

Despediu-se. Entrou no carro com o filho. Com o papel higiênico que estava no porta-luvas, limpou a maquiagem borrada pelas lágrimas. O filho, atônito, interpelou-a: “Mamãe, não vou pra terapia hoje?”. Ela respondeu fitando-o pelo retrovisor: “Filho, pra você não. A terapia hoje foi pra mim. Sem consultório. Espontânea. A terapeuta não tinha diploma. E a sessão foi sobre revisão de vida.”

Quanto tempo dura o momento?

Roma e Grécia antigas
Sabem, como ninguém,
Quanto tempo
dura o momento.

Dura a vã infinitude
De tempos idos em glória.
Ruínas hoje,
Vaidade simplória.

Esperança e ansiedade
Também sabem
Quanto tempo
dura o momento.

Dura um porvir
Ainda não tido.
Acertos e erros por ora
Não cometidos.

A respiração,
Por urgente,
Sabe bem
Quanto tempo
dura o momento.

Dura o entrar e sair
Do ar.
Um pássaro na janela
A cantar.

O lance
De um arco ao violoncelo.
Afinados lábios
Numa flauta transversal;

Dura a queda suave
De folhas no inverno.
O seu reviver
No vigor do verão.

Dura o instante
Que temos tido.
Único possível
De ser vivido!



O executivo capturado

E lá estava aquele homem sofisticado, imóvel há horas diante do quadro na parede, fascinado pela estética, absorvido pela beleza que contemplava. Atitude esquisita que chamava a atenção de quem passava. Mas, para compreender melhor, vamos voltar um pouco no tempo.

Na semana anterior, segunda-feira, Narciso deu a última olhada no espelho interno do elevador. Arrumou a gravata. Paletó importado impecável, unhas bem-feitas. Desceu no primeiro andar. Saudava os funcionários com sorriso plástico no canto da boca. Transpirava resultados e inspirava sucesso.

Como CEO da empresa, desfilava imponente no teatro corporativo. Entrou no estúdio recém-montado para a ocasião. Foi recebido pela assistente do fotógrafo. Aguardou sentado, impaciente. Ao redor, uma parafernália: iluminação, *flashes*, tripés, refletores, sombrinhas, rebatedores. Sentiu-se astro de cinema. Passou-lhe um filme pela cabeça: o diploma de administração pela FGV, MBA em Princeton, carreira meteórica... Enfim, a consagração: pose para a foto como novo presidente da multinacional cearense.

A infância pobre no sertão do Quixadá era coisa do passado, tempos em que se embrenhava na caatinga para caçar preá e se divertir com a meninada. Reminiscências que hoje o constrangiam. Até a voz ética da falecida mãe perdeu a relevância: “Meu fi, tu vai sê homi direito e estudado. Só num quêra sê melhó que os outro, nem tome nada de seu ninguém prá subí nessa vida, viu?”

A chegada do fotógrafo interrompeu seu devaneio nostálgico. Emanuel, profissional reconhecido no mercado. Sua técnica extraía o invisível, o essencial das personalidades. De trato simples e gentil, cumprimentou o executivo. Queria deixá-lo à vontade, natural. Tirou da bolsa sua máquina analógica e um rolo de filme. Evitava o digital. Queria a pureza da imagem. “Agora abaixe um pouco o queixo e olhe pra câmera”, - dava orientação ao fotografado. “Agora mais uma... Isso! Agora mais de perto. Muito bom!”, - prosseguia. “E qual meu melhor perfil? Preciso retocar o cabelo?”, - inquietava-se Narciso. “Não é necessário, fique tranquilo, está bem? O importante não é captar o detalhe externo. O aparente é secundário. Quero apenas a verdade dentro de você.” Emanuel mirava a lente e dava um *zoom* no olhar, como abrindo a cortina, revelando os bastidores.

Dias depois, o resultado, colocado numa moldura requintada, num lugar de destaque no saguão do prédio. Para os passantes, chamava menos atenção a elegância do rosto em relevo e mais a altivez da alma retratada. Mas, para Narciso, o homem mencionado no início de nossa história, tratava-se de uma obra de arte. Merecedora de sua dedicada admiração. E, por isso, diante dela ficou postado, detidamente. Capturado, sem cadeias aparentes, pela devoção à própria imagem.

Tanta vaidade

Vaidade, tanta vaidade.
Essa vaidade mundana.
A Terra, resta provado,
Não é plana.

Dá voltas.
Melhor, proverbiaram por aí:

- “Não, ela capota!”

Vaidade, tanta vaidade.
Tanta insana vaidade.
Corpos pequenos e frágeis
Peregrinando em meio à ambiguidade...

Fast-food ou artesanal?

O trânsito estava em um dia daqueles. Sabe como é, né? Um inferno! Era noite. O engarramento se estendia por quase todo o quilômetro um da BR-116, em Fortaleza. Pra economizar na “gasosa”, Samuel resolveu estacionar em uma rua secundária do bairro de Aerolândia. O plano era esperar um pouco até o fluxo melhorar. Comprou uma água com gás e decidiu dar uma caminhada nostálgica. Era o bairro da sua infância e adolescência. Reviu a casa onde morou até os 12 anos, na rua em que brincava com os amiguinhos, só de calção. Imaginou-se correndo pela calçada, puxando um carrinho com linha de costura da mãe. Observou atento cada detalhe: o templo da igreja; mercearia do seu Luiz; a vizinhança. Pasmou-se com o que evoluiu e com o que parou no tempo. Teve boas sensações. Refletiu se memórias são apenas coisas do passado. Pensou se seríamos apenas sujeitos passivos nessa construção ou se poderíamos manipular seus efeitos futuros.

A mente do quase cinquentão Samuel era inquiridora desde tenra idade. Não se contentava com explicações rasas ou incoerentes, preferindo nadar na parte mais profunda do lago da existência. Por isso indagou se quando tomamos determinadas atitudes para conosco e para com as pessoas que nos cercam, estamos produzindo nelas e em nós mesmos memórias futuras. “Nossas ações, hoje, terão o poder de afetar as memórias futuras que teremos do passado?”, questionava-se.

Samuel gostava das questões sobre o tempo, sobre a dimensão da vida que ocupava suas reflexões aqui e acolá. E olha que ele não era filósofo! Mas, para simplificar suas elucubrações, costumava dualizar as atitudes humanas entre altruístas e egoístas. Chamava as últimas de “memórias fast-food”, que sempre existiram, mas que, nos últimos dias, estão sendo potencializadas por um contexto em que as pessoas consideram as tradições um monte de cacós velhos; disfarçam sua ansiedade com a ilusão das aparências; parecem ter tudo sob controle, mas sequer conseguem controlar o próprio autoengano; descartam relacionamentos que não podem oferecer nada em troca; estouram de raiva quando o delivery atrasa dez minutos; almoçam anestesiadas, assistindo ao programa policial; e fazem da ceia de natal ocasião para expor ressentimentos acumulados durante o ano. “Uma sociedade de apressados e coléricos”, dizia ele.

Já as atitudes altruístas chamava de “memórias de artesão”. Buscar o filho na escola e comprar pipoca na saída e, se for com manteiga, melhor ainda! Acordar cedo e caminhar a pé para comprar o pão e o leite na bodega da esquina. Ajudar na faxina da casa de um idoso que mora sozinho. Visitar o amigo que está enfermo em leito de hospital. Abrir mão da vingança e liberar o perdão. Que dureza, hein? Parecem difíceis, porque boas memórias futuras são feitas artesanalmente, como um bolo caseiro na casa da vó, feito à moda antiga. Samuel chegava a sentir o cheiro da massa batida à mão e da fôrma untada com os próprios dedos. “Dava trabalho!”, - pensou alto. Memórias que levam uma vida inteira para serem produzidas muitas vezes exigem esforço e até renúncia, mas geram sentimento incomparável de dever cumprido quando concluídas.

Perguntava-se se havia sido esse tipo de memória que o escritor cristão tencionava construir quando desabafou: “[...] esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio da vocação de Deus em Cristo”². Nosso herói até conseguia destravar lembranças e temperos amargos do passado, mas não tinha como delegar a receita e o preparo das imagens mentais do porvir. Ele se via como chefe de cozinha de sua própria existência, responsável por preparar cuidadosamente o cardápio e decidir como seria servido o prato de suas memórias futuras. “Ao estilo fast-food ou de forma mais artesanal?”. - questionava-se. De certo, só sabia que o resultado seria saboreado depois, antecedido por um desejoso bon appétit!

2. FILIPENSES 3, 13-14. In: BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.



O vento não para

Segredo vital,
Acessível em desvendar.
Árduo, ainda assim.
Laborioso engendrar.

Quem nunca sentiu
Rígida a cerviz,
Austero o pensar?

Esquecido da transcendência,
Cores do ocaso ardente.
Tornando-se, da graça multiforme,
Sangrento dissidente.

Sem aprender com nuvens
A elegância de se arquear
Diante do vento, do tempo,
Que não param pra esperar...

Admirável leveza

Moisés saía sempre cedo para o trabalho, disciplina aprendida nos anos de serviço na marinha. Bem-vestido e penteado, estava sempre de “pano passado”.

Mas, diferentemente do que a primeira impressão poderia lhe atribuir, ele não era metódico ou um almofadinha. Pelo contrário, era dotado de espírito leve. Com isso não quero dizer desleixado, mas alguém que enfrenta adversidades de forma, digamos... fina! Genuíno cavalheiro nas pequenas chateações do cotidiano, era difícil encontrar algum detalhe corriqueiro que o tirasse do sério; nem mesmo o mau humor do chefe ou as reclamações dos clientes. E, quando perguntado sobre sua calma irritante, respondia em tom estóico: “Faz parte. Xícaras de vidro quebram, pneus furam, operadores de telemarketing estão apenas trabalhando quando nos ligam, crianças se sujam ao brincar”. Procurava dar o seu melhor: excelência em casa; prontidão no trabalho; paciência no trânsito; sequer buzina para o motorista desatento da frente quando o sinal abria. “Não é gentil”, - dizia, corando as bochechas.

Todavia, pasmem, ele também ria dos próprios erros! Por isso não se desapontava facilmente. No jogo da vida, não apostava todas as fichas em uma única expectativa. Até em debate sobre política sua flexibilidade se fazia notória. Não terminava amizades por causa de polarização ideológica. Podia até sentir raiva no calor da discussão, é claro. Afinal, ele não era um Iceman! Mas, na manhã seguinte, lembrava que tudo na vida passa. Lavava o rosto e simplesmente se achegava de novo, sem peso no coração. Não permitia ao “sol se pôr sobre a sua ira”³.

No entanto, colegas e vizinhos mais exigentes, vez ou outra o alfinetavam: “será que você não se leva a sério? Não consegue se impor ou ter expectativas mais ambiciosas?” Por essa perspectiva, pessoas leves seriam tidas como medíocres. Mediocridade supostamente camuflada por uma capa de modéstia e humildade. Conjecturas à parte, qual seria a diferença significativa entre Moisés e seus algozes? Há uma LEVE suspeita. Tem a ver com o ritual antes de dormir. Os ansiosos e eficientes precisavam sempre daquela última olhada de final de noite no celular. Ou então LIGAR a TV para DESLIGAR a mente das metas não alcançadas. Precisavam de rodela de pepino para relaxar as sombrias olheiras noturnas. Para depois, enfim, adormecer.

Ao final da lida diária, almas leves como a de nosso herói, todavia, recostam a cabeça no travesseiro e pegam no sono pacificamente. Sem embates interiores. “Como pode ele ser tão competente até mesmo nisso?”, - indagam novamente os ressentidos. O segredo pode estar na serenidade de seu rosto adormecido, no descanso suave de suas pálpebras, como se sua expressão facial desafiasse os inquietos tranquilamente: “por hoje, é o bastante!”. Linguagem corporal que denuncia uma confiança aberta no conselho do célebre carpinteiro: “Não vos inquieteis com o dia de amanhã. Basta, a cada dia, o seu próprio mal”⁴.

3. EFÉSIOS 4, 26. In: BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

4. MATEUS 6,34. In: BÍBLIA. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.



Pela fresta da janela

O que me ensina
O olhar distante
De criança brincante?

A crença sincera
De que amanhã voltarão a entrar
Raios de sol

Pela fresta da janela
De mimoso quartinho...
Decorado.

Quem sabe, um dia,
Eu também aprenda
A ter um olhar assim...
Aprimorado!

O discurso

Luca acordou cedo. Não por causa da agenda de empresário, mas porque a ansiedade o inquietou durante o sono. Antes mesmo da higiene matinal, dirigiu-se direto à gaveta da mesa de cabeceira, onde pegou as duas folhas com o manuscrito que o ocupara na semana precedente. Como dizia, jocoso, tratava-se do texto de comemoração do seu apogeu 40 anos de idade.

— Não é todo dia que chegamos a essa marca. Não posso deixar passar — dizia para si, eufórico.

Postou-se então diante do espelho do banheiro, desembargou a voz ainda rouca da manhã e começou a ler o discurso que faria diante da família e de seus funcionários à noite:

— Até os 39, fazemos balanço patrimonial. Estudamos, empreendemos, investimos, poupamos, compramos, vendemos. Também constituímos família. E a lógica continua na preparação dos herdeiros. Mas, aos 40, o balanço passa a ser emocional. Contrapomos ativos e passivos; agora não mais financeiros, mas morais e espirituais. É hora de contabilizar os cabelos que se vão ou os brancos que salpicam lentamente; de se olhar no espelho antes de dormir e se deter na linha de expressão ou ruga antes despercebida; de estranhar ao ser chamado de “senhor” pelo estagiário do escritório; de calcular os efeitos dos vícios e dos exageros de gordura, sal e açúcar por décadas; de correr atrás do prejuízo nas fórmulas modernas de exercícios e dietas; de revisar o superávit produtivo direcionado ao trabalho e ao acúmulo, em detrimento do déficit de atenção não dedicada a quem amamos. Como um credor minucioso, o tempo vai escriturando pacientemente nossas dívidas no “exigível a longo prazo”.

Fez uma pequena pausa para se situar no texto e prosseguiu:

— Mas a vida oferece muitas oportunidades de equilibrarmos esse balanço. Se você já entrou ou também está entrando na faixa dos 40, como eu, neste 4 de setembro, há muitos bens e direitos intangíveis ainda a conquistar. Entre eles, parar de procrastinar aquela visita prometida ao parente distante; aquele bom papo descontraído com os amigos; a inscrição sempre adiada nas aulas de dança ou culinária; a leitura cujo marcador ainda resiste na metade do livro; a brincadeira de casinha com os filhos; os perdões contidos; os abraços sinceros e apertados ainda em débito...

Com um lápis em mãos, riscava vocábulos desnecessários, zeloso que era pela síntese e elegância. A leitura ganhava tom professoral:

— Pode aprender a contemplação e a simplicidade. Ainda bem cedo, pode respirar mais profundo a brisa suave da manhã, com mais calma o burburinho dos passarinhos que fazem ninho no telhado da casa. Pode entender que as refeições deveriam ser um ritual saboreado sem pressa, e, de preferência, com uma boa companhia; o congestionamento na volta do expediente é uma chance de admirar o espetáculo de cores do crepúsculo. Pode se dispor a buscar coisas novas, a juntar moedas no porquinho, a folhear o manual da máquina de lavar, fuçando novas funções; a testar a dica de limpeza do piso da cozinha com detergente e água; a tirar o violão velho do armário e ensaiar seu primeiro Dó maior. Pode deixar de lado por um instante as planilhas eletrônicas e sentir o prazer de manuscruver versos, ainda que amadores, em uma folha em branco.

Veza ou outra, olhava para a própria imagem refletida, sem deixar de notar as rugas invasoras, treinando a performance diante da futura plateia.

— Revisar prioridades e reconhecer nossa finitude. Perceber que as vaidades são como água que escorre pelos dedos, poeira que o vento leva; que não precisamos ter a última palavra; que as pessoas do trabalho são mais importantes que os problemas de trabalho; que as metas de venda são batidas para sustentar a família, não para tomar o lugar dela; que palavras mansas e de estímulo podem fazer muita diferença no dia de alguém; e que a fórmula trina do amor messiânico ainda pode ganhar força nesses dias difíceis: amor ao próximo, a si mesmo e a Deus..

As palavras do texto finalizaram. Mas a sensação de que faltava algo o incomodava. Seria esse o melhor desfecho? O mais dramático? Sentia que o parto socrático das ideias ainda não se concluíra. Tortura de todo escritor! Andou um pouco pelo quarto fitando o chão, pensativo. Deitou-se na cama, olhou para o teto e, voltando a erguer-se, notou as revistas sobre o móvel: uma sobre história da contabilidade e outra sobre automobilismo. Temas díspares? Não para uma mente holística, poética. Tudo a ver. Sorriu pelo insight certo que lhe sobreveio. A lacuna angustiante finalmente estava preenchida. O jogo de palavras ideal. Apressou-se a tomar o lápis preso na orelha, apoiou o papel no granito da pia e finalizou o emotivo discurso:

— Assim, nesta fase da vida, os clichês sobre o antagonismo entre dinheiro e felicidade começam a fazer sentido. É por isso que a sabedoria popular diz que a vida começa aos 40. Mas, na contramão desse adágio, penso que essa fase se assemelha a um pit stop de carro de corrida. O carro é o mesmo, mas Re-inicia a corrida com pneus novos e Re-abastecido. E levando em conta que a própria contabilidade é produto do chamado Re-nascimento europeu do século XV, desejo a todos os novos quarentões muitas felicidades, uma carteira cheia de bons ativos existenciais e um belo e promissor Re-começo de vida!

Espelho d'alma

Poesia é espelho
Que reflete a alma do eu lírico.
É tinta derramada,
Aspergida em pergaminho.

Ritmo que não se cala.
Vindo de um único acorde
Ou de várias notas, em escala.

É sentimento que a estrofe,
Longa ou breve,
Metrifica em verso,
Alegre ou triste.

E que acalma até...
A soberba do dedo em riste!

O médico e o monstro

Prudêncio andava pra lá e pra cá em seu apartamento de cinquenta metros quadrados. Noventa dias de isolamento social. Até o tal do homework, que agora de chique só tinha o nome, lhe tirava o juízo. Tinha pesadelos com links de videoconferência. Trabalhava no quarto. Amélia, a esposa, na sala. Dois notebooks. Revezavam afazeres domésticos. Disciplina vez por outra interrompida pelo filho de 4 anos: “Papai, quero fazer cocô!”. Esgotadas as dinâmicas pedagógicas de internet, apelou ao videogame e ao celular para entreter a criança. E ele, pra lá e pra cá. Passarinho na gaiola. Mas veio a salvação: acabou o álcool em gel. “Pede pelo delivery”, - sugeriu Amélia. “De jeito nenhum”, - falou consigo, carrancudo, metamorfoseando-se. Enquanto vestia a roupa já mofada, a mulher tentava convencê-lo do contrário: “Meu bem, é arriscado pra toda a família!”. Empurrou-a com força ao chão. Pôs a máscara, o protetor de acrílico e saiu rápido, sem olhar para trás.

Na garagem, esmurrou o volante do Fiat Mille 2008, que demorou a pegar. Ainda lembrava como dirigir? “Embreagem, câmbio, solta embreagem aos poucos e acelera”, - dava comandos a si. Durante o trajeto, nada de ar-condicionado. Queria sentir a quentura de Fortaleza misturada com a brisa que vinha do Aracati. Ao chegar à farmácia, a tensão se ampliou: apenas um frasco na prateleira. Disputou com outro cliente. Estapearam-se. Levando vantagem, dirigiu-se ao caixa. Na saída da loja, ignorou, enojado, a mão estendida do mendigo, receoso de contaminação. No primeiro semáforo da volta pra casa, outro infortúnio: o cano frio da arma encostada em sua cabeça. Gelou. Lá se vão carteira e relógio. Mas, enfim, deu graças aos céus: o meliante não viu a compra recente no banco do carona.

Chegou em casa triunfante. Um cavaleiro medieval que retorna da missão, erguendo o fruto de seu penoso trabalho: a sacolinha da farmácia! O que viu, porém, foi a mulher machucada e chorando na sala. O filho, trêmulo ao lado da mãe, olhava seu herói de baixo para cima. Difícil de encarar. Prudêncio caiu em si. Desconheceu-se. Perdeu o piso de seus pés. Largou o álcool em gel, objeto agora banal que o desfigurara. Mãos constrangidas ao rosto. O que foi tudo aquilo, afinal? Teria ele emprestado carne e ossos às páginas do romance O médico e o monstro? O que aquele passarinho fizera de sua momentânea liberdade? Ou pior: o que havia feito de si mesmo?



Dívida com a vida

Que tenhas longos dias
De uma bela vida,
À sombra da palmeira.

Que se refresque
Nas águas tranquilas
De uma sábia vida.

Deixando-se ser
Plenamente absorvida
Pelos raios de sol
De uma abundante vida.

Devolvendo a ela, à vida,
A justa gratidão
Que lhe é devida!

4

Jornada espiritual e **cotidiano**

Por trás das cortinas

A existência
Tem um palco
Onde se apresenta,
Por um breve tempo,
Ao puxar das cordas,
A arte dos iluminados.

Na plateia,
Uma miscelânea de tipos
Reage às cenas.
Os que aplaudem de longe,
Os que acolhem de perto, em camarim,
E os que lançam tomates,
A qualquer distância.
É inevitável.
Faz parte do espetáculo!

E, nos bastidores,
Estão os não vistos
E não aplaudidos.
Montam cenários,
Iluminam personagens.
Sem eles
Nada acontece.

Suspeito
Que este último ambiente,
Por trás das cortinas,
Seja o local de trabalho
Do carpinteiro
De Nazaré!

Entre a cruz e a chama

Nunca mais haverá
A cruz do primeiro dia.
Consumado está.
Nada mais O envergonharia.

Não mais haverá mãos profanas
Esbofeteando Sua face justa.
Nunca mais.

Não mais sangue escorrendo
Naquela fronte serena,
Por espinhos atravessada.

Nunca mais zombadores
Lançarão sortes
Sobre Suas puras vestes.

Não mais o flagelo do chicote
Rasgará Sua santa carne.
Nunca mais.

Não mais voltará, enfim,
Para o túmulo hoje vazio.
Nunca mais.

Porque a chama do terceiro dia,
Desde então,
Jamais se apagaria!

Entrando na intimidade do Rei

O pastor da igreja dirigiu-se ao púlpito com a habitual serenidade. Enquanto caminhava pelo corredor principal do templo, era observado com reverência pelos membros, duplamente enfileirados em bancos de madeira. Em resposta discreta, cumprimentava-os, inclinando suavemente a cabeça grisalha. O olhar terno, encoberto por sobranceiras grossas, não deixava escapar qualquer um que lhe pedisse atenção, ainda que a distância.

Abriu sua Bíblia, já marcada em um dos salmos davídicos, e com o dedo médio empurrou os óculos de grau para mais perto do rosto. A tradicional comunidade batista fitava-o em expectativa pelo alimento dominical para a alma. Gostavam da exegese que o ministrante fazia do texto sagrado. Sua explanação conseguia trazer a obra sacra antiga para perto do cotidiano do homem comum de hoje.

Após a leitura do escrito sagrado, levantou a cabeça e iniciou seu sermão de forma metafórica:

— Ah, se eu pudesse entrar numa máquina do tempo e regressar até por volta do ano 1.000 a.C, na Jerusalém antiga, em particular, no palácio do rei Davi. Se pudesse, mais precisamente, instalar uma microcâmera nos seus aposentos para observar seus momentos de oração, vê-lo meditando, suplicando e adorando! Essas cenas são evidenciadas por nós, modernos e urbanos, de forma dramática e emocionante, no livro dos Salmos.

Os olhares dos ouvintes não se dispersavam, senão as mentes mais inquietas de alguns adolescentes com celular em mãos. O silêncio respeitoso era quebrado apenas pela continuação do sermão:

— Que curioso seria contrastar o rei antes da entrada no seu quarto, vestido de forma nobre e numa postura de liderança, com o Davi depois da porta, quebrantado e submisso diante de um Rei ainda maior que ele. Presumo que teria uma fala humilde, porém franca. Uma daquelas conversas em que nos sentimos à vontade para expor até os segredos mais íntimos, nossas luzes e trevas, limitações e conquistas, alegrias e decepções, sobriedades e devaneios. Ele sentia-se à vontade porque conhecia o caráter, a justiça e a misericórdia de Seu interlocutor, como a ovelha que pasta no campo reconhece o timbre de voz de quem a pastoreia. Mas é provável que nem tudo saísse conforme o planejado naquele diálogo.

O fervoroso pregador deixou então em suspense sua conclusão teológica:

— Cansado da rotina estressante de estadista, o rei poderia ter dormido durante uma de suas orações, ajoelhado, e com a cabeça recostada sobre a cama molhada de lágrimas. Imaginem o que aconteceria se essa imagem fosse captada pela minha câmera e caísse nas mãos de um editor de revista sensacionalista. Veríamos o resultado tendencioso estampado logo na capa: “Vexame real: Grande rei dorme prostrado!”. Todavia, se a gravação fosse enviada a um jornalista de tom moderado e poético, o artigo poderia ter uma manchete alternativa: “O segredo do Rei: repousando a alma abatida em terno colo celestial!”

Entre a ordem e o caos

Em algum lugar, na transição
Entre a ordem e o caos,
No limiar do horizonte de eventos,

Quando o movimento das moléculas
Parecer-nos aleatório
Ou a lógica aristotélica, golpeada,
For levada às cordas,

E os adversários, trincando os dentes,
Tentarem nos desanimar
Com sua exibição ostentosa de força,

Fitaremos de frente o medo.
Que, temeroso de nosso olhar firme,
Retrocederá.

Porque, quando lutarmos juntos,
Os finitos padrões da física
Darão lugar ao poder
Da metafísica da fé!

As lentes do reino

Olhar através de teus olhos
Permite-me ver, pequeninas crianças,
De Deus,
O celestial Reino.

Do contrário,
Por minhas próprias lentes,
Eu precisaria
De eterno treino!

Chamado redentor

A ovelha saiu
Ao alvorecer,
Desejosa
Por pastar.

De um lado, ouviu
Voz estranha a dizer:
Venha para o lado de cá!

Relva seca diante de si.
Vale de sombras.
Mortíferas águas
Prontas a lhe submergir.

Também ouviu,
Em sentido oposto,
Voz familiar a chamar.

Gramma verde à vista.
Imaginou-se deitada lá,
Margeando lago cristalino,
Brisa a refrescar.

Não hesitou, por sábia,
Diante deste
Chamado redentor.

Reconheceu, atenta,
A voz segura
De seu bom pastor!



Asas amenas

Aves planam
Até o primeiro céu
Visível.
Anjos mais longe voam,
Chegam ao terceiro céu
Indizível.

Humanos não voam
Por si mesmos
A céu algum.

Há quem arrisque
O sonho de Ícaro,
Que, almejando o sol,
Viu-se em apuros na descida.
Não teve como evitar
A cera derretida.

Humanos podem
Voar apenas
De carona
Nas asas amenas
Da liberdade divina,

Que, sendo plena,
Nos leva ao céu
De uma vida serena!

Alma musical

Acalma-te, alma ansiosa!
Com a melodia sacra
Em ondas sonoras,
Dispersam-se serenas
Tuas dúvidas metódicas.

Concentra-te, alma desatenta,
Na escalada suave.
Ritmo bendito
De cada escala.

Degrau a degrau,
Rumo aos céus,
Peregrina escada.

Percebe, alma musical,
Teu privilégio,
Por fim.

O efeito pacífico
Do louvor a Deus,
Em ti!

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia, Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930, p. 15.

EFÉSIOS 4, 26. In: BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

FILIPENSES 3, 13-14. In: BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

MATEUS 6,34. In: BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Biografia do autor

Servidor público, 45 anos de idade, graduado em Administração, Teologia e Psicologia, mestre em Políticas públicas. Pai da Laís e do Heitor. Jardineiro nas horas vagas.

O interesse pela escrita literária vem desde minha infância. Para isso, foi fundamental o incentivo de uma professora de português do ensino fundamental, que dizia: “como esse menino escreve bem!”

Mas, até que eu me entendesse de fato como escritor, foram necessárias muitas estações, leituras, contemplação e, por que não dizer, desventuras durante a jornada.

Os contos e versos aqui presentes são, portanto, fruto de reflexões sobre coisas simples que nos cercam. Sim, a vivência dos pequenos milagres diários pode nos oferecer uma sensação de plenitude maior que a soma dos isolados grandes marcos.

Ao ver uma simples folha de papel em branco, sinto-me diante de um universo de possibilidades. Plataforma para transbordo da alma. A realidade objetiva é cognoscível apenas em parte. A subjetividade por trás das letras, por sua vez, pode nos ajudar a assimilar de forma mais leve alguns mistérios da vida.